

## Colagem literária: A carreira médica, suas alternativas e seus percalços

**N**o princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz (1, Bíblia, Gênesis 1:1-3).

Talvez a escolha da profissão médica, com toda sua carga de magia, seja um desejo oculto de se tornar um taumaturgo, um Prometeu moderno. A Medicina pode atrair inicialmente por propor entender o funcionamento do corpo humano. Talvez, o desejo atávico de buscar a localização da alma. Mas, logo se percebe que o ser humano é extremamente complexo, muito além da anatomia e fisiologia. E entender aquele ser humano, às vezes fazê-lo se reinventar, buscar novas soluções e métodos, é trabalho, como diria Hipócrates, para toda uma vida, mesmo que curta, confrontada com uma arte longa, de ocasiões fugidias e experiências enganadoras.

*Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário (2, Charles Dickens, Um conto de duas cidades).*

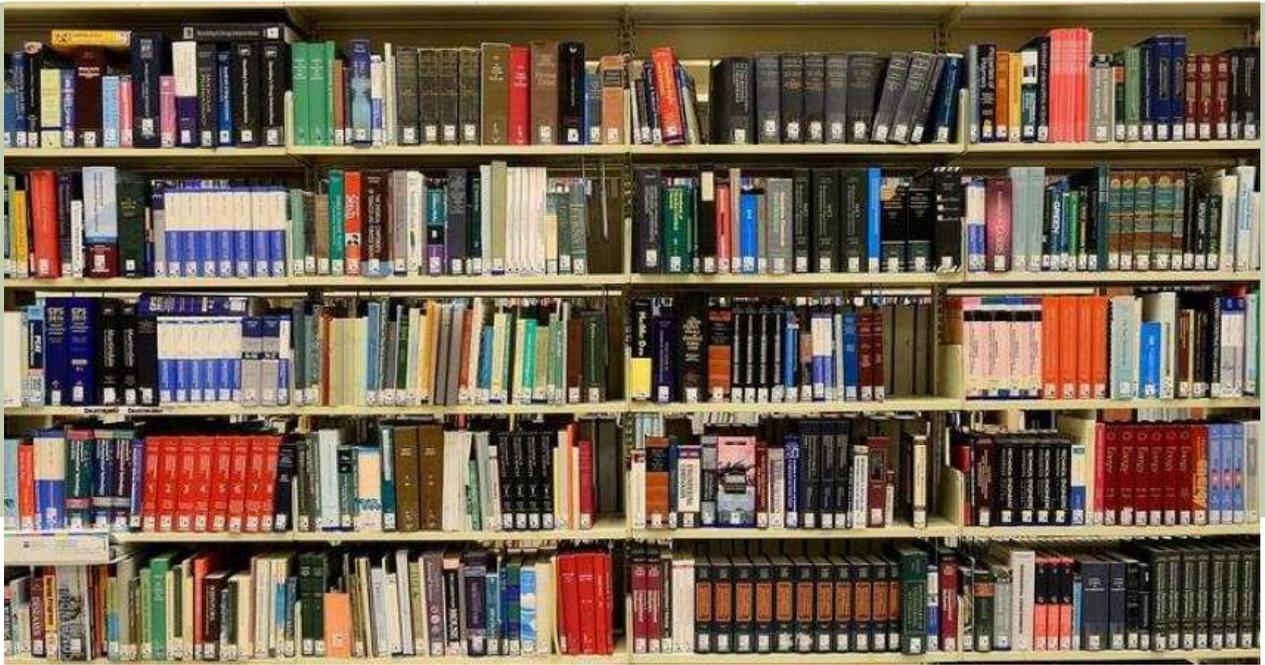
Os estudos e os primeiros anos de prática são muitas vezes repletos de sentimentos díspares. A glória de salvar uma vida e entender que seria em tese possível salvar a humanidade vem de encontro à triste realidade de que somos pontas de lança de uma mensagem ainda fraca. A história da saúde não é a história da Medicina. Muitos estimam que apenas 10 a 20% da saúde são determinados

pela Medicina. Os outros três determinantes da saúde são o comportamento, o ambiente e a biologia (idade, sexo e genética). Entretanto, esta mesma história é uma história de superação. Antes dos primeiros progressos, a saúde humana estava totalmente estagnada.

*Os trabalhos mais enfadonhos eram por mim executados sem esforço, por pouco que me agradasse dedicar-me a eles. Se alguma coisa me repugnava, eu a transformava em motivo de estudo, forçando-me a retirar dela algum motivo de alegria. Foi dessa maneira, com uma mistura de prudência e audácia, de submissão e revolta cuidadosamente calculadas, de extrema exigência e concessões, que acabei por aceitar-me a mim mesmo (3, Marguerite Yourcenar, Memórias de Adriano).*

Ao longo dos primeiros anos, a prática médica permite, desde que continuamente examinada, um entendimento de quem somos. A conduta médica, com seu papel político e social, determina o cotidiano. Se bem que de modo assimétrico, dependendo de onde cada um está e onde cada um atua. Desejamos ser profissionais. Mas, como já foi dito, profissional não é um rótulo que colocamos em nós mesmos, mas uma característica que esperamos que o outro identifique em nós.

*O oposto da depressão não é a felicidade, mas a vitalidade, e minha vida, enquanto escrevo isto, é vital, mesmo quando triste... Detesto essas sensações, mas sei que elas me impeliram a olhar a vida de modo mais profundo, a descobrir e agarrar razões para viver. A cada dia, às vezes combativamente e às vezes contra a razão do momento, eu escolho ficar vivo. Isso não é uma rara alegria? (4, Andrew Solomon, O demônio do meio-dia)*



Depois das primeiras décadas imersos na profissão médica, o mundo passa a girar rapidamente. Na maioria das vezes, assentam-se vários desejos e expectativas, consolidam-se laços familiares e círculos de amizade. E passa-se a notar, mais e mais, a complexidade de quem cuidamos e por quem somos responsáveis. Soa o alerta do papel do determinismo, da decisão compartilhada, o papel vital da vontade e do amor no processo de cura. A experiência pode ser uma boa professora, porém as queixas e a demografia dos indivíduos sob nossos cuidados se modernizam. Em alguns de nossos pacientes, o maior conhecimento do sofrimento se torna a base para uma completa apreciação da felicidade: intensifica a própria alegria, clama por superação.

*Fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer! (5, J.D. Salinger, O apanhador no campo de centeio).*

Talvez a noção de saber que não se sabe, a dita sapiência socrática, nos mova a querer ensinar. De fato, desde nosso juramento, está implícita a missão de transmitir a

arte de curar. Grandes livros são raros, grandes mestres também. Não existe ensinar sem aprender, o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Semelhante as grandes descobertas, que nos transportam para mundos diferentes, o médico que ensina supera regras existentes e inaugura um prelúdio de busca por novos paradigmas. Também não se ensina o que não se sabe. E com o saber cresce a dúvida. A preparação, capacitação, formação, atualização tornam-se permanentes.

*A maior riqueza do homem é sua incompletude/Neste ponto sou abastado/Palavras me aceitam como sou – eu não aceito/Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc./ Perdoai/ Mas eu preciso ser Outros/ Eu penso renovar o homem usando borboletas. (6, Manoel de Barros, Retrato do artista quando coisa).*

Sir William Osler, um dos pais da medicina moderna, dizia da importância da cultura geral para o médico. E que era mais fácil comprar livros do que os ler. E mais fácil lê-los do que absorvê-los. Por que não superar a sensação de culpa de não vivenciar por algumas horas “medicina”? E permitir se aventurar na sensibilidade da estética musical, literária, das artes plásticas? Qual um possível legado de tal atitude? Obter uma visão de alteridade, reconhecer que existem culturas diferentes e que elas merecem respeito. Colocar-se no lugar do outro, entender as angústias do outro e tentar pensar no sofrimento do outro.

*Certa noite, porém, depois de ficar parado junto ao gradil por algumas horas, admitiu que, na verdade, tinha medo das críticas que provavelmente teria que ouvir, e que esse medo era decorrente da consciência das muitas brechas que existiam em seu experimento. Ele lançou ao mar todos os argumentos com os quais se protegera até então: “Homens que nunca viveram a experiência de estar no meio de uma epidemia e ter que manter a calma e as condições experimentais não compreendem, na segurança de seus laboratórios, com o que de fato se tem que lidar em situações assim” (7, Sinclair Lewis, Doutor Arrowsmith).*

E o mundo desaba com a pandemia. Pelo menos, o mundo tal e qual o conhecíamos não existe mais. Todas as áreas da atividade humana sentiram e, por muito tempo, vão continuar a sentir os efeitos deste evento. Porém, o século XXI é pandêmico. Começando em 2009 com o H1N1, passando, entre outros, por Chikungunya, Zika, dengue e culminando com o SARS-CoV-2. Estamos mais vulneráveis, acumulando doenças crônicas sobre nossa maior longevidade. Destruímos muito da biodiversidade, pressionando microrganismos a se adaptar e mudar de hospedeiros. E com isso fomos expectadores da mortalidade desproporcional de idosos, diabéticos, obesos etc. E a sensação de que há no horizonte novas infecções e que talvez não estejamos preparados para enfrentá-las é angustiante. Não podemos deixar de reconhecer que a ciência produziu, dentro do possível, as respostas apropriadas. Porém, particularmente em nosso país, nós profissionais da saúde, fomos colocados frente a frente com um imenso abismo social e com legado de quase 700 mil mortes.

***O velho tinha razão, os homens eram sempre os mesmos. Mas essa era sua força e sua inocência, e era aqui que Rieux, acima de toda dor, sentia que se juntava a***

***eles. Em meio aos gritos que redobravam de força e de duração, que repercutiam longamente junto do terraço, à medida que as chuvas multicores se elevavam mais numerosas no céu, o Dr. Rieux decidiu, então, redigir esta narrativa, que termina aqui, para não ser daqueles que se calam, para depor a favor dessas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar. (8, Albert Camus, A peste).***

A pandemia também mostrou o que era possível fazer. É plausível que o choque de conscientização desencadeie um movimento positivo de melhora da saúde. Há um grande valor em tipos específicos de adversidade. John Milton, o poeta inglês, já nos disse sobre a impossibilidade de apreciar o bem sem conhecer o mal. A crise nos fez refletir, aprender e superar. Dor na alma ou dor física, qual delas machuca mais? Qualquer que seja a resposta, não nos esqueçamos que a solidariedade humana nasce muitas vezes da angústia e pode ser avassaladora como um tsunami.

***O senhor vê. Conte tudo. Agora estou aqui quase barranqueiro. Para velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro... O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (9, João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas).***

Fui ao dicionário. Superar quer dizer vencer, domar, destruir, remover, resolver, fazer desaparecer. Nós médicos convivemos com uma eterna esperança de superação. Nós, seres humanos, somos como facas de dois gumes. Imagina se tudo que fosse amargo pudesse tornar-se prazeroso? (10). ❶

1. Gênesis 1 - ACF - Almeida Corrigida Fiel - Bíblia Online.
2. Nova Cultural, 2002, tradução de Sandra Luzia Couto.
3. Nova Fronteira, 2015, tradução de Martha Calderaro.
4. Editora Objetiva, 2010, tradução de Myriam Campello.
5. Editora do Autor, 1965, tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha, Jório Dauster.
6. Editora Record, 1998.
7. Editora Manole, 2016, tradução de Lúcia Helena de Seixas Brito.
8. Editora Record, 2018, tradução de Valerie Rumjanek.
9. Editora Nova Fronteira, 1988.
10. Sandra Oliveira, <https://cronicassimples.wordpress.com/tag/superacao/>